

**LUISA
CUNHA**

Projecto de Exposições (2006-2008)

Miguel Wandschneider (Culturgest)

Coordenação

Miguel Wandschneider

Gabinete de comunicação e imagem (Fidelidade Mundial)

Curador

Ricardo Nicolau

Concepção de Montagem

Luisa Cunha

Ricardo Nicolau

Coordenação de Produção de Montagem

António Sequeira Lopes (Culturgest)

Montagem

Fernando Teixeira

Heitor Fonseca

Carpintaria

PREFORMA – Projectos e Exposições, Lda.

Catálogo

Texto

Ricardo Nicolau

Desenho

Pedro Falcão

Proporção

[A5] – 14,85 x 21 cm

Tipo de letra

Akkurat

Coordenação Editorial

Rosário Sousa Machado (Culturgest)

Revisão de Provas

am edições / antónio alvas martins

Impressão e Acabamento

Gráfica Maiadouro

Tiragem

500 exemplares

ISBN

????????????????????

CHIADO 8 – ARTE CONTEMPORÂNEA

Largo do Chiado, 8 / 1249-125 lisboa

T 213 237 335 / www.fidelidademundial.pt

Fidelidade Mundial



chiado8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Words for Gardens

Relva #1 e #2 (p. 3)

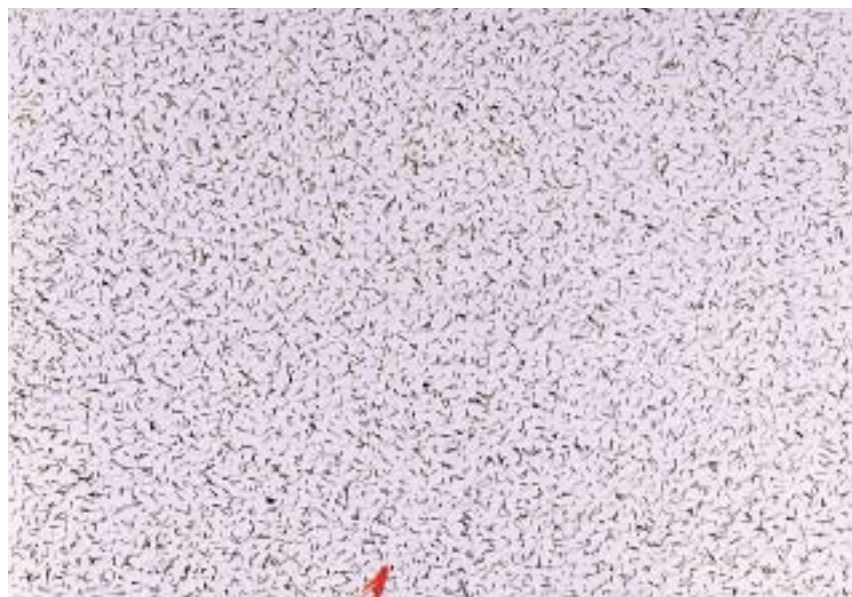
Relva #3 e #4 (p. 4), 2005-2006

Pastel de óleo sobre papel

100,1 x 70,3 cm (cada)

Cortesia da artista, Lisboa

Fotografias: dmf





A obra de Luisa Cunha (Lisboa, 1949) tem-se desenvolvido em diferentes *media*, como a escultura, o som, a fotografia e o vídeo, mas partindo sempre de enunciados linguísticos. O texto, falado e escrito, é um dos motivos mais recorrentes no seu trabalho – nunca, note-se, encarado como veículo passivo, sequer ferramenta útil, para a comunicação. Interessam-lhe os atritos, as percas de sentido proporcionados pela repetição de frases e palavras, as inflexões patrocinadas pelo emprego de diversos tons. Por outro lado, a voz gravada implica directamente o espectador, desenvolvendo com ele uma estranha intimidade e levando-o a encarar-se sempre como sujeito envolvido: porque muitas vezes lhe pede para obedecer a ordens, a comandos (para assumir o lugar do *tu* interpelado); porque o obriga a tornar-se actor e observador da sua própria actividade; porque convoca o corpo do espectador, frequentemente uma sua actividade ambulatória, no reconhecimento do que o rodeia. Aliás, quase todas as peças desta artista se relacionam, em primeiro lugar, com o seu próprio corpo, utilizado como *standard* para medir e registar. São inúmeras as peças em que Luisa Cunha emprega as suas medidas, ou o seu ponto de vista, como bitola na apropriação e descrição de espaços. Como sempre que utiliza a voz gravada ela é invariavelmente a sua. Isto não equivale a nenhum tipo de egocentrismo, mas à necessidade de trabalhar com um sujeito prototípico, sublinhando o corpo como entidade primeira e imprescindível na experiência de qualquer fenómeno.

No início dos anos 90, a artista realiza uma série de objectos em gesso, resultantes da acção de despejar uma quantidade daquele material no canto de uma divisão. A forma adquirida não é, portanto, controlada, mas fruto da obediência a um protocolo instrutório formulado pela própria artista. Mais tarde, em 1994, faz uma série de peças excutando um conjunto de acções muito simples com barro, como enrolá-lo e atirá-lo ao chão, deixando que a superfície em que o maneja imprima as suas marcas nele. Estas peças, de aspecto muito simples, têm um carácter rude, não acabado – como se fossem modelos, apenas. Isto porque a Luisa Cunha não interessava seguir quaisquer regras de composição, mas que eles revelassem claramente o seu processo de feitura, que contassem a história da sua execução. Note-se que estes objectos, embora não contenham qualquer inscrição, remetem directamente para enunciados linguísticos, para uma série de instruções a que a artista se limita a

obedecer, como despejar, atirar, enrolar, prensar. A linguagem, a partir daqui, instala-se definitivamente no trabalho de Luisa Cunha, que, desde 1994, vai começar a empregar a voz gravada. Se nos objectos lhe interessava denunciar o seu processo de trabalho, nas instalações sonoras uma das principais preocupações parece ser confrontar o espectador com o seu próprio acto de percepção, incorporando claramente como um elemento muito importante do trabalho a questão da sua recepção; no fundo, a inclusão do espectador na obra. A voz de Luisa Cunha é sempre uma voz que se me dirige e que me obriga a tomar consciência dos meus processos de percepção, em que cabem factores como o tempo e a memória. Não é por acaso que nas suas peças sonoras se joga com a repetição de frases, ou com uma sua recorrência dentro de um determinado discurso: é que a repetição cria inflexões no significado, e ao reconhecermos estas transformações tornamo-nos conscientes de nós mesmos como *sujeitos que percebem*. Esta atenção ao ritmo relaciona-se ainda com uma questão que muitas das peças de Luisa Cunha sublinham, e que é a nossa relação com os postulados e com os imperativos. É que a lei, a sua imposição, traduz-se muitas vezes numa cadência que é reconhecida pelos corpos. Toda a actividade disciplinar e punitiva recorre à repetição, e é pontuada por injunções que não precisam ou não devem ser explicadas, cuja eficácia reside na brevidade e na suposta clareza – não se trata de perceber, muito menos de concordar, mas apenas de reconhecer o código. Luisa Cunha utiliza frequentemente frases imperativas, repetidas até à exaustão num vasto espectro de tons, em que a transparência dos comandos (como em *drop the bomb!*, ou em *do what you have to do*, duas obras de 1994) se vai diluindo. Na primeira obra, a ordem é repetida sem variações semânticas, mas com inúmeras entoações. Na segunda, é repetido, a intervalos de 12 segundos, um texto elaborado a partir de variações da frase que dá o título à peça. Nos dois casos a audição está limitada a uma distância mínima em relação a altifalantes que pendem do tecto, o que significa que as frases me são dirigidas directamente a mim, enquanto espectador, fazendo ranger a fronteira entre coisa íntima e experiência colectiva. Uma parte importante do trabalho de Luisa Cunha articula-se, como vimos, em volta da tensão entre a linguagem e a relação física, do corpo, implicada em qualquer acto perceptivo. Se a isto associarmos a sua atenção à forma como o espectador experiencia o tempo, percebemos porque é tão importante para Luisa Cunha pensar a repetição, assim como garantir que a sua audiência se mova. A exposição pensada para o Espaço Chiado 8 sintetiza exemplarmente estas suas preocupações, ao

mesmo tempo que revela uma faceta do seu trabalho menos familiar e que a artista só recentemente tem vindo a explorar de forma sistemática: o desenho. Esta é a segunda mostra individual de Luisa Cunha, depois de ter exibido, em 1998-1999, na capela da Casa de Serralves. A artista apresenta duas obras: *Words for Gardens* (2004), a peça que concebeu para a última Bienal de Sidney, até à data nunca exibida no nosso país – aqui adaptada tendo em conta as especificidades do espaço –, e uma série de desenhos de relva (*Relva*, 2005-2006), que a tem ocupado nos últimos anos e que, de certa forma, deu origem à instalação sonora apresentada na Austrália. Estes desenhos, ao mesmo tempo que, como as peças em gesso ou em barro, contam a história da sua própria execução, quase se apagam o suficiente para desaparecer. Os movimentos que lhes dão origem são extremamente repetitivos, como se a artista os encarasse como única possibilidade de reacção à pura entropia. A verdade é que Luisa Cunha se limitou a preencher folhas e folhas de papel com traços verdes, totalmente entregue à repetição e não obedecendo a nenhum tipo de preceito compositivo. Por isso os desenhos não têm orientação, direita ou esquerda, cima ou baixo. São apenas superfícies com densidades distintas, consoante o número de traços aplicados, que vão da mancha que esconde totalmente a folha de papel à quase omnipresença do seu branco – e estes últimos desenhos, embora tenham uma escala generosa, à primeira vista quase desaparecem no Espaço Chiado 8, confundindo-se com a parede.

Words for Gardens, originalmente apresentada num espaço exterior e público (nos Royal Botanic Gardens de Sidney), foi adaptada para esta exposição, sendo agora apresentada numa sala com o mínimo de estímulos visuais. Trata-se de uma instalação sonora em que o espectador ouve um texto, dito pela artista, que aponta para o particular processo de trabalho empregue nos desenhos. É uma narrativa que começa com uma negação, ou com a constatação de uma impossibilidade: *You cannot draw*. A partir daqui a artista descreve uma forma de registo que foi a que de facto aplicou enquanto desenhava, e que consiste menos numa superação daquela primeira paralisia – não poder desenhar – que num seu activo sublinhar. A nova instalação deste trabalho, em que ao espectador estão vedados os estímulos sensoriais da rua, de um parque, serve para sublinhar a recorrente utilização do som, por parte de Luisa Cunha, como forma de espacializar a linguagem, como autêntico material escultórico: evacuados todos os efeitos visuais, percebemos como a voz humana pode ser o mais invasivo, em termos espaciais, de todos os materiais.

Relva #5 e #6 (p. 4), 2005-2006
Pastel de óleo sobre papel
100,1 x 70,3 cm (cada)
Cortesia da artista, Lisboa
Fotografias: dmf





Words for Gardens, 2004
Som, 5'43" (*loop*)
2 pares de auscultadores
texto e voz: Luisa Cunha
Instalação nos Royal Botanic
Gardens em Sydney
Bienal de Sydney, 2004
Fotografia: Jenni Carter

You cannot draw. You say you cannot draw. You wish you could draw. You see. You see things. You see people. You see people moving things. You see people moving people. You see things that do not move at all. You see things moved by people. You see things that move without you noticing it. You notice they have moved but only some time later. They have been moving all the time. You come back and they are changed. And then you say: «They have grown» And they go on growing without you seeing it. And you come back later. You then see they are not there anymore. And you say: «They have disappeared.» Grass. You can draw grass. On endless sheets of paper. Starting wherever you want. It doesn't matter. Going wherever you want. It doesn't matter. Touch the surface of the paper with a rapid intense movement of your hand. Hold on on the point of touch. You realise what you have just done and you say: «I drew a point. I'm stuck to this point. Where do I go from here?» Take any direction. Let the intensity of your gesture fade away leaving behind a short fading and slightly curved line. Draw another intense point. Let it fade along another fading and slightly curved line projected in another direction. And another intense point fading along another slightly curved line now projected in another direction. And another point along another line in any other direction. And another point and another line again in another direction. And again and again and again. You look at it. And you say: «It's growing.» And you go on in all directions. Intercepting the short fading and slightly curved lines coming out of intense points planted all over. And you say: «The grass is growing fast.» Then you hold on for a moment. You look at the grass on the ground and you say: «There's some space free here.» And you fill it with grass. Then you notice another empty space over here and another over there and then another on the left and another south and another southeast. You go on planting grass until the ground is all over covered. You watch the landscape. And you then say: «It's all green and smooth.»

Texto de Words for Gardens

Não consegues desenhar. Dizes que não consegues desenhar. Gostarias de conseguir desenhar. Vês. Vês coisas. Vês pessoas. Vês pessoas movendo coisas. Vês pessoas movendo pessoas. Vês coisas que não se movem de modo algum. Vês coisas movidas por pessoas. Vês coisas que se movem sem notares. Tu notas que elas se moveram mas só algum tempo mais tarde. Elas estiveram a mover-se todo o tempo. Regressas e elas estão mudadas. E então dizes: «Elas cresceram». E elas continuam a crescer sem que o vejas. E regressas mais tarde. Tu então vês que elas já lá não estão. E dizes: «Elas desapareceram». Relva. Consegues desenhar relva. Em infindáveis folhas de papel. Começando onde quiseres. Não interessa. Indo para onde quiseres. Não interessa. Tocas a superfície do papel com um movimento rápido e intenso da tua mão. Pára no ponto de toque. Apercebes-te do que acabaste de fazer e dizes: «Eu desenhei um ponto. Eu estou agarrado a este ponto. Para onde vou daqui?» Segue numa direcção qualquer. Deixa que a intensidade do teu gesto se esbata deixando para trás uma curta linha ligeiramente curva que se vá esbatendo. Desenha outro ponto intenso. Deixa-o esbater-se ao longo de outra linha ligeiramente curva que se vá esbatendo projectada noutra direcção. E outro ponto intenso que se vá esbatendo ao longo de outra linha ligeiramente curva agora projectada noutra direcção. E outro ponto ao longo de outra linha noutra direcção qualquer. E outro ponto e outra linha outra vez noutra direcção. E outra vez e outra vez e outra vez. Olhas. E dizes: «Está a crescer». E vais em todas as direcções. Interceptando as curtas linhas ligeiramente curvas que se esbatem e surgem de pontos intensos plantados por toda a parte. E dizes: «A relva está a crescer depressa». Então paras por um momento. Olhas para a relva no chão e dizes: «Há um espaço livre aqui». E enche-lo de relva. Depois notas outro espaço vazio deste lado e outro daquele lado e depois outro à esquerda e outro a sul e um outro a sudeste. Vais continuando a plantar relva até o chão ficar todo ele coberto. Observas a paisagem. E então dizes: «Está tudo verde e macio»

Traduzido por Luisa Cunha da versão original em inglês

Obras expostas

Words for Gardens, 2004
Som, 5'43" (*loop*)
2 pares de auscultadores
Texto e voz: Luisa Cunha
Instalação nos Royal Botanic
Gardens em Sydney
Bienal de Sydney, 2004

Relva #1 – #18, 2005-2006
Pastel de óleo sobre papel
100,1 x 70,3 cm (cada)
Cortesia da artista, Lisboa

Luisa Cunha nasceu em 1949, em Lisboa. Vive e trabalha em Lisboa. Completou o Curso Avançado de Escultura no AR.CO, Escola de Artes Visuais, em Lisboa. Até à data realizou uma exposição individual, na Capela da Casa de Serralves, no Porto, em 1998-1999. Participou em numerosas exposições colectivas, nomeadamente: *20000 Minutos de Arte*, Instituto Superior Técnico, Lisboa (1994); *Peninsulares*, Galeria Antoni Estrany, Barcelona (1995); *Greenhouse Display*, Estufa Fria, Lisboa (1996); *Jornadas de Arte Contemporânea*, Moagem – Palácio do Freixo, Porto (1996); *Mediações*, Palácio das Galveias, Lisboa (1997); *Initiare*, Colecção do Instituto de Arte Contemporânea – Aquisições 1997-1999, Centro Cultural de Belém, Lisboa (2000); *Urbanlab: Bienal da Maia*, Maia (2001); *Prémios EDP.ARTE*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa (2002); *Prémio Tabaqueira de Arte Pública – 5ª edição*, Casa dos Bicos, Lisboa (2003); *Continuare*, Bienal da Maia, Maia (2003); *On Reason and Emotion*, Bienal de Sydney, Sydney, Austrália (2004); *LisboaPhoto*, Galeria Luís Serpa – Projectos, Lisboa (2005). Luisa Cunha está representada nas colecções do Ministério da Cultura/Instituto de Arte Contemporânea – IAC, Lisboa, e Caixa Geral de Depósitos, Lisboa.